

CURRÍCULO CRÍTICO E SEMIÓTICA: O PRINCÍPIO DA ALTERIDADE E O ESPELHO LACANIANO NA SALA DE AULA

Cristina Almeida da Silva, Alípio Márcio Dias Casali²

¹Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, Guarujá, Brasil
cristinaalmeida1976a@gmail.com

²Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, São Paulo, Brasil

Resumo: Este estudo analisa a semiótica no currículo e sua ressignificação escolar sob a ótica da alteridade. Realizou-se uma revisão teórica fundamentada em Peirce, Lacan, Bakhtin e Levinas. Os resultados revelam que o currículo tradicional atua como um espelho colonizador eurocêntrico que normatiza corpos e silencia discursos. Pelo tensionamento entre discurso semblante e semblante do discurso, conclui-se que superá-lo exige um modelo pautado na diversidade, promovendo o protagonismo do estudante.

Palavras-chave: currículo; semiótica; alteridade; psicanálise

INTRODUÇÃO

Justifica-se este trabalho frente à representação curricular excludente no contexto educativo contemporâneo. Essa realidade revela rupturas entre um modelo de currículo adotado como referencial único e a evidência de uma identidade predominantemente eurocêntrica. Tal configuração constitui uma visão arbitrária da corporeidade do currículo na função de seu próprio fazer. Manifesta-se, assim, na evidência de fraturas e limitações da prática pedagógica, desvelando um currículo fragmentado e pouco sensível à diversidade, bem como à complexidade dos sujeitos e de seus respectivos contextos sociais.

Pensar a educação contemporânea requer, obrigatoriamente, perceber as múltiplas identidades presentes no meio social. Torna-se imperativa a promoção de um currículo factível, que assuma o princípio da alteridade linguística como ponto de partida para a elucidação da totalidade ética do sujeito, na concepção de um signo inacabado.

Sob esse viés, a ciência deve se constituir como ponto-chave no espaço escolar. Isso deve ocorrer na perspectiva de múltiplas caracterizações fenomenológicas, interpretando a ontologia humana na diversidade coletiva em suas manifestações de aprendizagem e de interação. O objetivo fundamental é tornar o currículo diverso e rico no ato pedagógico socializado.

Para tanto, Peirce (2005) traz fundamentações consideráveis sobre o contexto da semiótica como contribuição significativa nesta pesquisa, fruto de um estudo de doutoramento.

O autor conecta discussões sobre as ciências e suas

manifestações de sentido sob o âmbito da lógica, dividida nas categorias triádicas da fenomenologia de tudo que está à nossa volta. Faz-se necessário, portanto, trazer os elementos estruturantes do signo:

- **Elementos convencionais (símbolo):** construções culturais normativas.
- **Elementos causais (índice):** marcas de materialidade histórica.
- **Semelhança dos ícones invisíveis:** representações sutis que atravessam o currículo.

Esses fatores constituem-se em revelações memoráveis sobre a diversidade dos discursos reproduzidos no sistema de ensino. Nos intermeios de um currículo que se reproduz e se mostra como referencialidade única para os sujeitos que aprendem, relacionam-se os efeitos ideológicos das relações dialógicas que se pronunciam em sua materialidade histórica por meio de adaptações cronológicas de um modelo de ensino pensado originalmente para uma minoria.

Embora idealizado sob o pretexto de um modelo de educação universal para todos, a intersubjetividade escolar mostra-se em posições contraditórias e linguísticas da atividade mental, fazendo com que as manifestações da fala operem como uma verdadeira "arena" de disputas ideológicas no espaço escolar (Bakhtin, 2006).

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza teórica, qualitativa e bibliográfica. O percurso metodológico consistiu no mapeamento, cruzamento crítico e tensionamento epistemológico de conceitos fundamentais extraídos de quatro matrizes teóricas principais.



A investigação ampara-se: na Semiótica Triádica de Charles Sanders Peirce (2005); na perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin (2006); na Psicanálise de Jacques Lacan (1992, 2007, 2009) — especificamente através do Estágio do Espelho, da Teoria dos Quatro Discursos e do conceito de Semblante; e na Filosofia da Alteridade de Emmanuel Levinas (1980), articulados às discussões éticas e educacionais de Alípio Casali (2018). O corpus conceitual foi submetido à análise hermenêutica para confrontar as convergências e divergências teóricas sobre a subjetivação, o poder e a produção de sentidos no espaço escolar.

MATERIAL E MÉTODOS

O currículo tradicional materializa-se no espaço escolar na perspectiva do controle e da conservação de um estereótipo social, sem levar em conta os sujeitos reais e suas demandas linguísticas desse espaço. Suas identidades, diferenças e contextos sociais servem como um espelho apenas para quem controla o que o outro deve ou não ver. Nessas representações excludentes, as produções de sentido sobre a aprendizagem conectam-se com os efeitos ideológicos de uma língua estruturada como estática e acabada, sem conexões com as representações do outro e suas especificidades.

Tal "imagem curricular" mostra-se com um semblante determinista e colonial, cuja funcionalidade caracteriza-se em capturar a imagem do outro. Assim como o espelho da colonização historicamente doutrinou os sujeitos em um patamar conceituado no comando "*veja-se como nós o vemos*", o currículo tradicional promove determinismos como um espelho colonizador que molda identidades, normatiza corpos e produz uma visão única de mundo.

Essa dinâmica assemelha-se à alegoria da Caverna de Platão, na qual prisioneiros tomam sombras por realidade absoluta e a revelação da luz coaduna-se como risco de morte. Relaciona-se, aqui, a visão da unicidade curricular constituída de saberes eurocêntricos em total desconexão com outras culturas.

Nesse contexto, o princípio da alteridade como compreensão de uma sociedade multicultural não se evidencia: o estudante não aprende a ver o mundo, apenas o compreende conforme o currículo determina, naturalizando parâmetros saudáveis entre o "eu" e o "outro".

A luz fora da caverna se constitui em pensar o ato docente em múltiplas proporções: a condição humana na sua complexidade como forma de enriquecimento e aprendizado, e não como princípio de exclusão e negação do outro na internalização dominante da história, da ciência, da estética e da língua.

Jacques Lacan (2007) afirma que o ego se forma quando a criança se vê no espelho e se identifica com uma imagem unificada, num contexto contemplativo de uma moldura perfeita, organizada e dotada de uma completude destituída da experiência real.

Em efeitos contrastantes, o currículo protagoniza esse mesmo efeito simbólico ao projetar a imagem do aluno ideal: disciplinado, abstrato, branco, heteronormativo e desprovido de conflitos.

A imposição desse "eu escolar" idealizado é indissociável da experiência real do aluno, instituindo sentimentos profundos de inadequação, fracasso, estranhamento e alienação.

Ao prover essa imagem ideal, a língua reflete a condição do discurso na forma em que os sujeitos são vistos, seguindo a ordem estabelecida vigente na contemplação de comandos sociais do "eu" estabelecido na sua totalidade excludente, segregada e monocultural. Ao não corresponder ao modelo, o estudante, não o currículo passa a ser o protagonista do problema.

Diante disso, Alípio Casali (2018, p. 13, 14) adverte que o cérebro-mente, quando ligado no modo de funcionamento mais arcaico, mostra fortes resistências a práticas de convívio na diversidade e a valores universais (e, portanto, à ética).

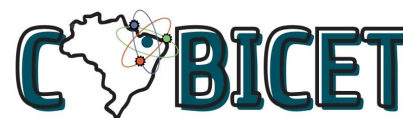
Contudo, quando operando em seu modo mais cognitivo, intuitivo e integrado, orienta-se no sentido oposto, dispondo-se a acolher o diverso e a reconhecer obrigações éticas de convivência intercultural. Diante da fala do autor, é preciso ressignificar o currículo que atua na concepção de reproduzir e controlar o que deve ou não ser ensinado.

A forma como o currículo se constitui na sala de aula reflete arbitrariamente nas relações sociais e na formação cultural dos sujeitos, de tal modo que o "eu" e o "outro" apontam para dualidades: ruptura ou ponte, alteridade ou violência. Não existe aluno "sem identidade": ele é moldado pelas narrativas que o currículo privilegia ou silencia. O currículo, assim, é um espelho político que:

- Legitima saberes e oculta outros;
- Produz hierarquias de valor;
- Cria normalidade e desvio;
- Silencia a diversidade linguística.

Essa análise de pensamento corrobora para o entendimento do currículo em relação ao conceito de semblante na visão de Lacan (2009).

Um semblante do discurso estabelece o modo como práticas curriculares se materializam no espaço escolar. A ação pedagógica faz a função de professor sem levar em conta a multiplicidade de sujeitos na



sala de aula, apresentando conteúdos que ocultam “a verdade não dita” no conceito de uma totalidade sobre o que deve ou não ser ensinado; uma totalidade camuflada, que neutraliza o saber científico e parametriza sujeitos.

O discurso semblante materializa aspectos discursivos, assume o conhecimento cujas marcas ideológicas e intencionalidades se mostram como os desafios a serem enfrentados para que a formação efetiva dos sujeitos seja factível e ética quanto aos conceitos das diferenças e identidades.

Em aspectos semióticos, analisa-se a forma como os sujeitos verbalizam os conhecimentos e não são determinados pelo currículo, mas determinam como os conhecimentos podem ser discutidos por meio da produção de sentidos, constituindo-se como sujeitos na diversidade e produtores dos seus próprios discursos na coletividade, na visão do dialogismo bakhtiniano.

A Teoria dos Quatro Discursos e o Currículo

Lacan (1992) afirma que o discurso se refere aos laços sociais, isto é, ao vínculo entre as pessoas. Segundo o autor, todo discurso tem uma estrutura básica composta por quatro posições: (S1) (significante-mestre), (S2) (saber), (a) (objeto mais-de-gozar - causa de desejo) e (\$) (sujeito barrado).

Nesse aspecto, o lugar do agente (S1) protagoniza um discurso do currículo e seus determinismos no espaço escolar, apresentado com uma aparência que não corresponde à sua essência, ocultando o seu eu verdadeiro.

Do ponto de vista lacaniano, o sujeito é um ser alienado; não sabe o que o determina, porém tem a ilusão de estar no controle desde o nascimento (a língua falada, as escolhas no meio social).

A partir dessa análise comparativa, o significante-mestre (S1), no caso, o professor tradicional, toma o seu discurso como verdade absoluta, e o (S2) se refere ao estudante que recebe os conhecimentos de forma subserviente e passiva, tentando se adequar às imposições curriculares.

O objeto (a) se constitui na resistência ao discurso predeterminado do professor. É o estudante que não se encaixa nesse modelo de violência simbólica e questiona. Consideravelmente o problema está posto e a indisciplina no espaço escolar se manifesta em forma de violência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O modelo de currículo historicamente construído preserva a sua essência colonial e corrobora para a formação de identidades a partir de uma referência total de sujeito que definitivamente não existe, pois

somos um todo nessa complexidade refletida na individualidade de cada um. Conforme assevera Emmanuel Levinas (1980, p. 21): *"A verdadeira vida está ausente. Mas nós estamos no mundo. A metafísica surge e mantém-se neste alibi. Está voltada para o outro."*

A existência cotidiana se mostra na incompletude e individualidade de cada sujeito, e o currículo, nesse paralelo reflexivo, deve se constituir na busca ética da totalidade em que eu me veja no outro, sem a negação desse reflexo.

Aprender, interagir e produzir conhecimento a partir dos signos em que causa e efeito se constroem inter e intradiscursivamente move-se em concepções dialógicas entre consciência, pensamento e linguagem no espaço escolar.

Nessa construção coletiva, o processo educativo se constitui metafisicamente, rompe com a mera visão de consciência fechada e o conceito cíclico de aprender-reproduzir perde o sentido na percepção da alteridade.

CONCLUSÃO

O estudo demonstra que a articulação teórica desvela os determinismos ideológicos que moldam e normatizam os corpos no espaço escolar.

A reprodução de um referencial curricular único e eurocêntrico anula o princípio da alteridade e aprisiona os sujeitos em identidades alienadas através de um efeito de espelho distorcido.

Para que a educação contemporânea cumpra seu papel ético nesta complexidade discursiva, o currículo materializado no espaço escolar deve relacionar o ato pedagógico ao papel expressivo do educador, destituído da condição de mero reproduzidor linguístico de técnicas e materiais prontos.

A finalidade última deve ser a de promover o protagonismo dialógico dos estudantes e uma ampla visão de sociedade na concepção ética de ver e se ver no outro, preservando a cultura como um signo em constante movimento.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) PROSUC (Programa Suporte à Pós-Graduação IES Comunitárias). Número do Processo: 88887.933366/2024-00.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CASALI, Alípio. (2018). **Alteridade**. *FronteiraZ. Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados Em Literatura E Crítica Literária*, (21), 04–21. <https://doi.org/10.23925/1983-4373.2018i21p4-21>.

LACAN, Jacques. **Seminário livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1992 (Campo freudiano no Brasil) Tradução de: Le Seminaire de Jacques Lacan, XVII: L.:envers de la psychanalyse.

LACAN, Jacques. **Seminário livro 18: De um discurso que não fosse semblante** tradução Vera Ribeiro; versão final Nora Pessoa Gonçalves; preparação de texto André Telles.- Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa; Edições 70, 2009.

PEIRCE, Charles. **Semiótica**. Tradução: José Teixeira C. Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.